

CRISTÓVÃO COLOMBO

Sua origem - Por muito tempo, julgou-se que Colombo era português, ou ainda galego, corso, catalão, biscainho, etc. Todavia, parece fora de dúvida que nasceu em Gênova, no ano de 1451. Aliás, ele próprio, no testamento que fez antes de partir para a sua terceira viagem através do Atlântico, mencionou Gênova como seu berço natal. É certo que nos seus escritos sempre chama a si próprio pelo nome de Christoval Colon, e não Cristóforo Colombo; entretanto, é provável que isso fosse devido ao fato de estar escrevendo em espanhol, vivendo em Espanha e navegando para um soberano espanhol, e não porque ali tivesse nascido. Seu pai, era tecelão e Colombo seguiu esse ofício por algum tempo em Gênova e Savona. Em 1476, resolveu embarcar em um navio para Lisboa, mas a embarcação foi atacada pelos piratas mediterrâneos e soçobrou; apegando-se aos destroços do naufrágio, conseguiu salvar-se. Meses depois, partiu para a Inglaterra, seguindo para a Islândia.

Atuação em Lisboa - Finalmente, como tudo faz crer, chegou a Lisboa em princípios de 1477. Casou-se nessa cidade, nela se estabelecendo como cartógrafo. Seu sogro era um marinheiro que tinha servido a D. Henrique, o Navegador; com certeza, dele ouviu Colombo muitas histórias relativas a Costa da Guiné. Aprendeu o português, o espanhol e o latim; a idéia de que além do oceano devia estar a Ásia deve ter surgido em seu cérebro por volta de 1479. Mas provavelmente já em 1474, baseado no genial florentino Toscanelli, que sugerira a D. Afonso V um roteiro direto para as Índias, através do Oceano Atlântico, Colombo concluiu (e disso permaneceu convencido até o fim de sua existência) ser essa a rota certa para atingir a Ásia.

Estudos e convicção - Em 1482, provavelmente como oficial, Colombo fez parte de uma frota portuguesa que navegou até a Costa da Mina. O genovês dispôs-se então a estudar a literatura histórica e geográfica existente na época e, quanto mais se aprofundava em seus estudos, mais se inclinava para o caminho ocidental. Leu muitos livros, fazendo mais de mil anotações em seus estudos e deduziu que, se navegasse 8.045 km para oeste, poderia encontrar um caminho mais curto para as Índias do que se contornasse a África. Tendo escrito a Toscanelli, recebeu uma resposta encorajadora: o plano cresceu e empolgou seu cérebro. Tudo indicava que a distância entre a Europa e a Costa ocidental da Ásia, através do Atlântico, não seria grande. Baseando-se nos árabes, os quais reputavam as distâncias entre os meridianos menores do que eram na realidade, formou o conceito errôneo de ser a medida da circunferência terrestre apenas três quartos da que lhe atribuía a antiguidade clássica. Não satisfeito com isso, Colombo situou a costa da Ásia muito a leste de sua posição real.

Proposta a Portugal - Por volta de 1484, propôs a D. João II de Portugal que lhe desse 3 navios, a fim de explorar o Atlântico durante um ano; que ele, Colombo, fosse nomeado Grande Almirante do Mar Oceano e perpétuo governador de qualquer terra que descobrisse, recebendo um décimo de todas as rendas e metais preciosos que fossem retirados dessas terras por Portugal. D. João II submeteu a proposição a uma comissão de sábios, que a rejeitaram, porquanto, para os portugueses, o cálculo de Colombo dando somente 3.860 km para a distância através do Atlântico, era muito pequeno. Em 1485, dois navegadores portugueses apresentaram a D. João II um projeto semelhante ao de Colombo, concordando todavia que se financiariam a si próprios; partiram em 1487, seguindo uma rota demasiadamente setentrional e, tendo encontrado fortes ventos do oeste, regressaram desanimados. Colombo renovou seu pedido em 1488, sendo convidado pelo Rei para uma audiência. O genovês chegou justamente na ocasião em que Bartolomeu Dias regressava, triunfantemente, de uma bem sucedida volta pela África. Convencido do acerto de uma rota africana para as Índias, o governo português abandonou a idéia de uma passagem através do Atlântico. Diante disso, Colombo apelou para Gênova e Veneza, mas estas também não se entusiasmaram. Por intermédio do irmão, sondou Henrique VII da Inglaterra,

o qual convidou Colombo para uma conferência. Mas, quando a resposta chegou, o navegador já se comprometera com a Espanha.

O compromisso com a Espanha - Em 1º de maio de 1486, Colombo apresentou sua petição a Isabel de Castela; após longa demora, os conselheiros da Rainha declararam impraticável o plano, argumentando que a Ásia deveria estar mais a oeste do que ele supunha. Mesmo assim, os Reis Católicos deram-lhe uma anuidade de 12000 maravedis. Em 1489, outorgaram-lhe uma carta com ordem para que todas as municipalidades do reino lhe fornecessem pouso e alimento; com essa atitude, Fernando e Isabel possivelmente queriam evitar a apresentação do plano a um rei rival. Vendo seu pedido rejeitado, Colombo resolveu apresentar seu projeto a Carlos VIII da França. Nesse interim, conseguiu outra audiência com Isabel, a qual ouviu o pedido com bastante interesse; mas novamente seus conselheiros manifestaram-se contrários ao plano. Em janeiro de 1492, Colombo reiniciou seus preparativos para ir a França.

O auxílio de Luis de Santangel - A essa altura dos acontecimentos, um judeu batizado apressou a marcha da História. Mosen Luis de Santangel, ministro das finanças do Rei da Espanha, censurou Isabel por sua falta de apoio a Colombo. Convencida pelos argumentos do ministro, a Rainha resolveu empenhorar suas jóias para obter a quantia necessária a expedição. Santangel dispensou-a desse sacrifício, conseguindo um empréstimo de 140 mil maravedis da irmandade onde era tesoureiro, acrescidos de 350 mil de seu próprio bolso; Colombo por sua vez, conseguiu arranjar outros 250 mil (todas essas importâncias foram posteriormente reembolsadas pelo governo). Em 17 de abril de 1492, o Rei assinou toda a documentação necessária, dando a Colombo uma carta para o Cão de Cathai: era a China, e não a Índia, que o navegador esperava alcançar - e até o fim de sua vida pensou tê-la encontrado.

Grande Almirante do Mar Oceano - Recebeu ainda a nomeação para os cargos de Grande Almirante do Mar Oceano, Vice-rei e Governador das Terras a que viesse descobrir; teria direito a um décimo dos metais preciosos, mercadorias e especiarias que encontrasse. Essas prerrogativas eram extensivas a seus herdeiros e sucessores a título perpétuo.

A Descoberta da América - Colombo partiu para o Porto de Palos, onde entrou em contato com os irmãos Pinzon, os quais lhe forneceram duas caravelas (a Pinta e a Nina), resolvendo-se ainda a acompanhá-los, cada qual comandando uma das naves. Uma terceira caravela, sob a chefia de Colombo, recebeu o nome de Santa Maria. Em 3 de agosto, os navios zarparam de Palos, com 88 homens a bordo e provisões para um ano; tomaram o rumo das Canárias, procurando os ventos do leste antes de enfrentarem o caminho para o Ocidente. Acreditando Colombo que ia chegar a Ásia Oriental, levou consigo um erudito judeu que entendia os idiomas do Oriente: árabe, hebraico e caldeu. Após uma longa estada nas Ilhas Canárias, a pequena esquadra partiu em 6 de setembro, prosseguindo com vento favorável. A fim de que os marinheiros não se assustassem com a grande distância percorrida, Colombo registrava a menos as milhas cobertas diariamente. Para evitar a calmaria que se prolongava, mudou a rota, e a tripulação apreensiva sentiu-se perdida na imensidão do mar. Em 9 de outubro, os irmãos Pinzon, aproximando-se do navio capitania, imploraram a Colombo que determinasse a volta imediata para a Espanha. O Almirante prometeu fazê-lo, caso não avistassem terra, dentro de três dias. No dia 10, a tripulação amotinou-se, mas Colombo conseguiu apaziguá-la, reiterando a promessa feita aos irmãos Pinzon. Em 11 de outubro, sinais evidentes de terra, tais como um galho verde com flores e o aparecimento de aves aquáticas, fizeram renascer a confiança no Almirante. As 2 horas da madrugada seguinte - 12 de outubro de 1492 - Rodrigo de Triana, vigia da caravela Pinta, gritou "Tierra! Tierra!". Com efeito, uma faixa de terra se descortinava aos olhos extasiados dos homens das três caravelas. Quando raiou a aurora, os navegantes observaram nativos nus na praia. Os três capitães foram de barco até lá, levando homens armados; ajoelharam-se, beijaram o solo e agradeceram a Deus. O Almirante batizou a ilha com o nome de São Salvador, dela tomando posse em nome dos Reis Católicos, Fernando

e Isabel, e em nome de Cristo.

Haviam chegado a uma ilha - Guanaani, assim denominada pelos indígenas. Atualmente é Watling Island, uma das Bahamas, no Mar das Antilhas. Infelizmente, não havia ouro em São Salvador; em 14 de outubro, as caravelas prosseguiram viagens em busca de Cipango (Japão), procurando ao mesmo tempo o ambicioso metal. Navegando para Ocidente, Colombo chegou em 18 de outubro a Cuba, a qual deu o nome de Joana, identificando-a como Cipango. Julgava ter chegado a terra firme e, quando mostrou ouro aos nativos, estes pareceram indicar que o metal seria encontrado um pouco para o interior. Colombo enviou dois marinheiros para explorar os arredores, a fim de localizar o Grande Cão da China; ambos regressaram sem o ter encontrado. Frustrado em seus objetivos, Colombo deixou Cuba em 4 de dezembro, navegando para o sul; no dia 5 atingiu a Ilha de Haiti. Ai permaneceu quatro semanas e, tendo encontrado um pouco de ouro, sentiu-se mais perto do Grande Cão. Todavia, a Santa Maria bateu num recife e soçobrou. Por sorte, a caravela Nina recolheu todos os náufragos, e os bondosos nativos, arriscando suas vidas, com suas canoas salvaram a maior parte da carga. Desde 4 de dezembro, Martin Alonso Pinzon desertara com a Pinta, procurando ouro por sua conta; sendo a Nina muito pequena para abrigar duas tripulações, o Almirante mandou construir um forte, a que chamou Natividad, nele deixando uma guarnição de 39 homens. Em seguida, resolveu iniciar a viagem de volta. Partiu em 4 de janeiro de 1493 e, no dia 6, Pinzon juntou-se a ele com a Pinta; suas desculpas foram aceitas, pois Colombo não desejava voltar com um só navio.

A viagem de volta - No dia 16, iniciou definitivamente a longa viagem de volta. Pinzon desertou outra vez, desejando chegar a Espanha antes de Colombo; depois de muitas peripécias, o genovês e seus companheiros avistaram Portugal, em 3 de março. O Almirante resolveu desembarcar em Lisboa, pois 362 km ainda o separavam de Palos, e a Nina não poderia fazer a viagem com uma vela apenas. D. João II recebeu-o amavelmente: a Nina foi consertada e chegou a Palos no dia 15 de março, 193 dias após sua saída daquele porto. Martin Alonso Pinzon já havia desembarcado no noroeste da Espanha alguns dias antes. A Pinta chegou a Palos um dia depois da Nina. Colombo desembarcou convencido de que aportara nas Índias. Foi bem recebido pelos soberanos e viveu seis meses na corte, sendo nomeado governador do Novo Mundo ou, como se descreveu a si mesmo, Vice-Rei e Governador Geral das Ilhas e Terra Firme de Ásia e Índia.